

B. S.

13-4-59



1.º Anno

Numero 1

A PEROLA



REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

Dedicada ás  damas vimaranenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: **A. S. Carvalho**
E. Guimarães
Redactor e Administrador,
Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO
MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE
Guimarães

18 de DEZEMBRO de 1904

Preço da assignatura: anno 500 reis
Numero avulso 20 reis
Editor, **Gabriel Pereira de Mesquita**



A PEROLA

ás gentis vimaranenses.



Senhoras !

A PEROLA, o pequenino jornal que hoje vimos respeitosos depor nas vossas formosas mãos, não é, apesar do seu sub-titulo de revista litteraria, um bouquet tecido com as flores mais viçoas da nossa litteratura moderna, mas sim o fructo innocente das lucubrações e devaneios poeticos e artisticos de um grupo de rapazes que, sem aspirarem aos nomes pomposos de poetas ou de litteratos dedicam os seus momentos d'ocio ao cultivo da arte divina de escrever.

Não encerra pois a nossa modesta revista essas notas encantadoras de mimo, plenas de arte que vós desejaríeis, e com certeza merecíeis, mas supre essa falta a vossa adoravel bondade, a vossa encantadora benevolencia que vos leva a acolher bem o nosso pequeno jornal.

Esperando que, estudando e dedicando-nos, um dia virá em que mais ousadamente poderemos apparecer-vos e dedicar-vos as nossas produções, os nossos cantares, as descripções dos nossos sonhos alegres de jovens e a efflorescência dos nossos corações redentes de amor e de vida.

Mas até lá seremos apenas obscuros trovadores anonymos, não offerecendo cantares nem expandindo sonhos, mas pedindo indulgencia.

Depomos pois hoje nas vossas mãos de princezas o nosso primeiro n.º pedindo á vossa gentileza a graça do perdão para a mesquinhez da offerta apenas desculpavel e pela franqueza e sinceridade com que nos apresentamos.

A Redacção

LAGRIMA de NOIVA



Alba, a boa fada protectora das noivas. Alba que mora na pupilla azul das virgens sem peccado, passando uma manhã junto de uma camelia, ouviu o seu nome pronunciado por trez gottas tremulas.

Approximou-se, e pousando no coração da flor, perguntou risonha:

- Que quereis de mim, gottas brilhantes?
- Que venhas decidir uma questão, disse a primeira.
- Propõe n'a.
- Somos tres gottas differentes, oriundas de diversos pontos; queremos que nos digas qual de nós vale mais, qual é a mais pura.
- Acceito.
- Falla tu, gotta brilhante.
- E a primeira gotta, tremula fallou.
- Eu venho das nuvens altas...sou filha dos grandes mares. Nasci no largo oceano antigo e forte. Depois de visitar praias e praias, de-

pois de andar envolta em mil procellas, uma nuvem sorveu-me.

—Fui ás alturas onde brilham as estrellas e rolando de lá por entre raios, caí na flor em que descanço agora.

—Eu represento o oceano.

—Agora é a tua vez, gotta brilhante, disse a fada á segunda.

—Eu sou rocio que alimenta os lyrios: sou irmã dos luares opalinos, filha das nevoas que se desenrolam, quando a noite escurece a natureza.

—Eu represento a madrugada.

—E tu? perguntou Alba á mais pequena.

—Eu nada valho.

—Falla... de onde vens?

—Dos olhos de uma noiva: fui sorriso, creança: fui esperança, mais tarde fui amôr, hoje sou lagrima.

As outras riram da pequena gotta, e Alba, abrindo as azas, tomou-a comsigo e disse:

—Esta é a de maior valor, esta é a mais pura...

—Mas eu fui oceano.

—E eu fui atmospheria!...

—Sím, tremulas gottas, mas esta foi çoração...

E desapareceu no azul, levando a gotta humilde.



E' pequenina e linda como a haste de uma flôr ou como o scintillar longinquo de uma estrella, a nossa perfilada d'hoje.

Tem nos olhos azues, infinitamente azues, a vastidão d'um céu, a transparencia do ar e a grandeza de um poema.

Nos cabellos, d'um loiro brilhante d'oiro fino, com flexibilidades de seda cara e o perfume fragrante das violetas, tem os lampejos namorados e mornos do sol que vem humilde e carinhoso beijal-as n'uma adoração de cren-te, n'um estremecer de namorado constante e apaixonado.

Tem o nome mavioso e musicalmente singelo da Virgem Mãe, chegando a julgar-se ao vê-la tão linda e boa, que a propria Mãe de Deus voltou á terra encarnando-se na forma gentil e airosa da nossa adoravel perfilada.

A.G.

A MARILINHA



Ella, a linda Marilinha de cabellos soltos ao vento, mas que cabellos!—tão negros, tão negros!—lá vae ao longe, atravez dos massiços multçores de frescas e risonhas e enuebriantes florinhas, atraz das adejantes borboletas, como uma louca, soltando argentinas risadinhas.

De repente pára arquejante, suando por todos os póros.

—É que uma branca maripósa fatigada de tanto adejar, de tanto lhe fugir, pouza em uma rosada papoula, osculando lhe as pétalas setinosas.

E ella agora, a Marilinha, com pé ante pé, de boquinha a florir um ingenuo sorriso e com os dedinhos da sua pequena e eburnea mãosita enclavinhados, em forma de torquez, lá vae com o seu seio alabastrino a arfar-lhe, anciosa por a prender, para a ir mostrar á sua querida e boa mamãsinha.

—Ah! que se eu a apanho—pensa ella—é que ha-de ser uma pandega!... Vou immediatamente mostral-a á mamã, e, depois, ai! depois... mato-a para a trazer sempre, sempre entre as folhas do meu livrinho de missa...

Ah! sim, sim no meu livrinho que tem muitos santinhos.

E ella cautellosa, muito cautellosa, chega perto d'ella, pára anhelante, estende o braco e—zás...

—Oh! que pena, fugiu!...—murmura a innocentinha crusando os debeis bracinhos e olhando sempre a névada borboletinha, muito triste, enquanto que ella corta o infinito espaço, rompe orgulhosa por entre os doirados raios do diamantino sol.

A pequerrucha olha-a, olha-a até que enfim a perde de vista.

Agora um pouco zangada murmura innocentemente:

—Ah! foste para o céu?... Pois deixa estar que quando o nosso Senhor me levar p'ra lá, eu te ensinarei, minha finória...

E ella, a linda Marilinha de cabellos soltos ao vento, mas que cabellos!—tão negros, tão negros!—lá se vae para casa, correndo aos pulnhos como uma esquiva andorinha, soltando argentinas e francas risadinhas...

Delfim Guimarães

A linda camponêza!



Linda, linda!

Aquellas faces cobertas de vivo e rutilante carmin, são duas maçasinhas rosadas, parecidas com as que os nossos estudantes oferecem em um dia dos festejos de S. Nicolau ás damas, que, debruçadas sobre os peitoris das janellas, as recebem com sorrisos languidos e feiticeiros.

Ella, coitada, não é dama, é uma pobre

A Perola

camponeza.

Oh! mas é tão linda, tão linda, tão linda! ..
Os seus olhos, que lindos olhos aquelles! ..
Valha-me Deus que eu nem sei mesmo descrevê-los ..

Ah! sim... são uns olhos como dois diamantes, ou mesmo como duas saphiras.

Engastados na flor do rosto parecem duas estrellas a brilharem no manto azul do firmamento.

E os dentes! .. ah! .. os dentes! ..

São dois rosários de finas e insidias perolas que espreitam constantemente o florir risonho dos seus delgados labios de corál.

O cabello é loiro, loiro como o trigo maduro: pende-lhe quasi sempre solto, em desalinho, pelas espaldas bem talhadas e ebúrneas.

Oh! quantas vezes eu vou de proposito á aldeia para a vêr, para lhe admirar a grande formosura, oh! mas sempre occulto, de maneira que ella me não veja.

Aqui ha tempos, n'uma tarde de rosas, tarde risonha e primaveril espreitava-a eu por detraz d'um annoso róble quando de repente lhe ouvi a voz maviosa, voz de anjo cantar esta sentida quadra:

De que me serve vivêr
S'a minha vida é um penar!
Oh! Deus eu quero morrer,
Oh! morte vem-me buscar.

Quando ella se calou fiquei como louco, todo tremulo, vacillante, pensando n'aquelles quatro versos, ou p'ra melhor dizer, n'aquelles quatro sentidos queixumes.

Depois ergui phreneticamente os braços aos ceus e bradei aterrado:

— Oh! morrer, morrer meu Deus! pobre florinha!

E n'um impeto de coragem incamjhei-me para o êrmo logar onde a formosa das formosas, a linda Leonôr, estava sentada em um montão de folhas sêccas com os cotovellos fincados sobre os joelhos e a cabeça apoiada sobre as setinosas e pequeninas mãos.

— Leonôr, Leonôr— chamei eu já perto d'ella— que pensamentos são esses que te torturam e que te escaldam a mente?! .. Oh! falla anjo, falla vida da minha vida ..

Aqui calei-me com a garganta entrecortada de soluços, louco d'amor.

Ella ao ouvir as minhas palavras, doces e namoradas, levantou lentamente, orgulhosamente a linda cabeça e olhou-me com ternura.

Oh! eu não pude supportar aquelle ardente olhar!

Apertei a cabeça entre as minhas geladas mãos convulsivamente, soltei um grito desesperado e fugi, tropeçando aqui, cahindo ali, enfim êbrio d'aquelle meigo olhar ..

E ella é tão linda, tão linda! .. tem as faces de rutilante e vivo carmim, parecidas com as maçãsinhas rosadas que os nossos estudan-

tes offerecem ás damas em um dos dias dos festejos de S. Nicolau, cujas debruçadas sobre os peitoris das janellas, as recebem com sorrisos languidos e feiticeiros.

LYRJO

O amôr!...

A Ex.^{ma} D. G. M. G.

Tu não sabes, minha flôr,
O quanto custa o amar! ..
Ai! não sabes, não amôr,
Julgas que se ama a brincar ..

Quando se ama com fulgôr
Por força se ha de penâr!
Oh! quantas vezes a dôr
Nos afôga em prantear ..

Oh! quantas noites em claro
Eu, tristonho, me comparo
Com o maior desgraçado! ..

Oh! é mui triste, mui triste,
Vêr a 'sperança que resiste
A um pobre bem amado! ..

S. Guimarães

Amôr occulto

À distincta professora, D. Maria A. H. Pinto.

Ingenuo sonhador, sem affeições na vida,
Atráz d'uma illusão que apenas antevia;
Deixei minh'alma a suspirar perdida,
Na dôce luz do teu olhar um dia!

Não sei que dôce enlevo ou celeste encanto,
Possue a tua vôz por quem eu choro em vão!
Que possa ainda hoje amar-te tanto, tanto;
Sem me lembrar sequer se te mereço ou não.

Fiz d'este amôr immenso mystico segredo,
Que me faz cantar uns madrigaes dispersos;
E nunca to direi não sendo muito a medo
Na doce timidez dos meus humildes versos!

Guimarães, MDCCXIV

Albertino R. B.

A todas as Ex.^{mas} pessoas aquem temos a honra de enviar o nosso quinzenal, serão consideradas assignantes se no prazo de oito dias nos não devolverem o jornal.

A louca de Brito

(Inedito)

Prologo

Eram cinco horas da tarde. Tarde chuvosa, tarde aborrecida.

O vento soprava rijo e enfurecido.

O trovão rugia lá ao longe, muito ao longe.

Eu, sentado em um antigo e carunchento escabello que a um canto do meu pobre quarto existia, sondava tristemente a minha infeliz sorte.

Sorte d'um desgraçado!

De repente levantei-me arquejante, olhei aterrado em volta de mim, e só escuridão, a escuridão do meu inferno.

Agóra tremia.

Um relampago fuzilou o plumbeo espaço, mostrando-me, atravez dos vidros das velhas janellas com a sua luz pallida, a situação em que me encontrava n'aquelle momento.

Mesmo assim, encaminhei-me vacilante p'ra um pequeno armario que pendia na fumarada parede, parecido com um phantasma encostado á sombra do negro horrôr.

Abri-o e peguei em alguns phosphoros que vagueavam dentro, em uma humida e pequena prateleira.

Bati um.

Uma lufada de vento entrou por um quebrado vidro d'uma das janellas, e apagou-m'o, assobiando escarninhamente.

Horrôr dos horrôres!

Pareceu me ver não sei o quê.

Os meus compridos cabellos arripiaram-se, e o corpo tremeu-me convulsivamente.

Oh! inferno, dos infernos!

Fiquei suffocado.

Quiz gritar e não pude.

Depois d'alguns momentos myasticos e horrorosos enchi-me novamente d'alguma coragem, bati segundo, cujo illuminou frouxamente o pequeno quarto mostrando-me com a sua luz tenúe e baça uma denegrída candeia, pendurada na esburacada e tósca parede.

Accendi-a e dirigi-me anhelante para uma pequena mesa de pinho que em um anglo das quatro paredes se encontrava.

Então ahi, murmurei eu.

—Ah! quantos annos esta gaveta não foi aberta!

Ha mais de vinte, oh! quantos mais!

Santo Deus! quantos segredos estarão aqui abafados! oh! quantas lagrimas estarão aqui estancadas!

Mas já que a curiosidade me arrastou até aqui, não devo voltar para traz sem desvendar este horrivel mysterio.

Immediatamente fiz saltar a ferrujenta fechadura com duas leves pancadas.

N'esse momento um trovão rugiu com ferocidade, vomitando algumas linguas de fogo, cujas se mergulhavam uivando, nos pára-raios da pequena cidade.

—S. Jeronymo, Santa Barbora Virgem!—lamoreava uma pobre velha octogenaria, tiritando de frio, na loja da casa onde eu residia.

Eu, indifferente a tudo o que cá fóra se passava, indifferente á derrubadora e terrivel tempestade e aos lancinantes rógos dos tranzeuntes, tirei tremulamente alguns dos papeis.

Oh! mas não pude mais!..

Aquella papelada queimava-me tenazmente a alma.

Era um terrivel inferno ardendo em meu debil peito.

Delfim G. da S. G.

(CONTINUA)

POST MORTEM

„Ao meu venerando amigo R.^{mo} Snr. P.^o
Antonio Joaquim Ramalho.“

Quando eu já não viver, lancem meu corpo frio
Viuvo da minha alma, a chamma scintillante
Ao fogo rubercente, intenso, chammejante
Que me ha-de reduzir a fino pó sombrio!

Eu tenho horrôr á campa, á negra escuridão,
Não quero sentir pesar a funerea lousa
Sobre meu peito frio onde afinal repousa
Cansado de luctar, meu pobre coração!

Que a minha campa seja, infinda de grandeza
O vasto espaço azul, sereno e transparente
Onde meu corpo irá, dormir eternamente
Nos braços maternas da grande natureza!

Em vez do mão latim d'um padre somnolento
Eu quero o crepitar do rubido brazeiro,
Por sacramento o pranto, o fogo por coveiro,
Por carro funeral o seio bom do vento!

Hei-de ter uma campa alegre e perfumada
Onde nada haverá de triste e de funereo...
E poupo-te o trabalho, ô minha doce amada
De ires chorar por mim no triste cemiterio.

Albertino R. Barros